

## Coluna do Castello

Sarney afinal  
Presidente

**A**S rápidas declarações que o Presidente José Sarney fez ao editor regional deste jornal, Ricardo Noblat, e as informações dadas por assessores do Palácio do Planalto revelam que o Chefe do Governo transpôs afinal a fase de identificação com suas tarefas presidenciais e entrou na fase de tomada de decisões. A reunião dos governadores, sugerida pelo Sr Franco Montoro e convocada para o dia 17, não lhe dará oportunidade de firmar um pacto nacional nem um pacto de governadores, mas lhe oferecerá o auditório adequado para antecipação das suas metas de Governo e a mobilização para uma etapa mais otimista do esforço global da administração e da Nação brasileira.

Na realidade, nesses 100 dias de Presidência, o Sr José Sarney teve, inicialmente, de assumir interiormente o papel que o destino e a história lhe reservaram. Aplicou-se em seguida ao estudo das questões que conhecia superficialmente como qualquer político medianamente informado sobre temas que há 20 anos eram tratados como segredos de Estado. Suas reuniões no Torto, tanto quanto as querelas entre ministros das áreas econômicas e destes com os de áreas diversas serviram, não para congregar os diversos setores da opinião pública em torno de um pacto, mas para consolidar a consciência de responsabilidades, esclarecendo-se pessoalmente o Presidente para a tomada das decisões que agora estão explodindo. Pelo menos na euforia do governante e de seus assessores diretos.

É importante que a mensagem que o Presidente Sarney pretende transmitir aos governadores e, em seguida, a toda a Nação, se antecipe com características definidas. De um lado, a restauração da confiança no país, à semelhança do que fez Juscelino Kubitschek. De outro lado, a definição de metas de governo, ao que se supõe, maduramente adotadas para delimitar a faixa de concessões que o país se dispõe a fazer na negociação externa, fixando como objetivo principal o bem-estar do povo e o crescimento continuado da expansão econômica.

Tentando eliminar obsessões negativistas como as que giram em torno da dívida externa, da inflação, dos conflitos sociais, o Presidente declara-se pronto a propor ao Fundo Monetário Internacional e aos banqueiros credores um plano de resgate que tem como prioridade a preservação do bem-estar dos brasileiros e a introjeção da economia na direção do mercado interno. Não sendo previsível que o Presidente se tenha deixado tocar por proposições levianas, deve-se entender que seu programa de negociação da dívida externa tenha sido precedido de sondagens que o estimularam a fixar as metas que o Brasil propõe e que os credores não rejeitariam.

Preservar uma taxa de desenvolvimento anual em torno de 5% e comprometer-se a manter abaixo dos 200% o índice de inflação este ano são propósitos que o Presidente deve considerar, fundado em razões objetivas, aceitáveis para o país e para seus credores. Dados os antecedentes, se há condições para realizar esse programa, isso indica que o Presidente pode vangloriar-se, como o fez na aludida entrevista, de em menos de quatro meses ter mudado a fisionomia do Brasil. Sobretudo, revela amadurecimento do Presidente no exercício do posto e a disposição de assumir responsabilidades que são inseparáveis da função presidencial.

Politicamente, o saldo obtido pela Nova República é conhecido. A liberalização está em curso. A vida política está descongestionada e há o pleno exercício das liberdades públicas. O dado aparentemente perturbador é a desagregação das grandes frentes partidárias. Mas isso era esperado. A ausência de identidade interna de partidos como o PMDB é responsável pela rejeição do partido a se integrar no Governo, sem restrições, e de lhe dar o amparo, no Congresso e fora dele, a iniciativas que desencadeiam reações críticas em diversos setores. Não é por outra razão que o Presidente Sarney, que visava a um pacto político com os partidos, terminou por render-se à realidade do poder político remanescente que, no momento, está substanciado na liderança dos governadores.

Os partidos estão vivendo seu próprio drama. Estão se reconpondo, se legalizando ou se criando. Na verdade, neste momento, eles estão fora do quadro de decisões a que, por entre as divergências da sua equipe e dos partidos que tecnicamente o apóiam, vai chegando o Presidente, com o ânimo otimista, que é a tônica da sua personalidade.